



EDITORIAS > ECONOMIA

SÁBADO, 31/01/2015, 06:00

Empresas condicionam redução no consumo de energia a incentivos públicos

Após o racionamento de 2001, um novo corte compulsivo na demanda exigiria um esforço e jogo de cintura dos brasileiros.

Por Raquel Miúra

De olho num eventual racionamento de energia, a indústria avisa: pode reduzir o gasto, em alguns casos em até 20%, mas depende do governo. O setor é o principal consumidor e ano passado diminuiu a demanda por causa do fraco desempenho da economia.

Por isso diz que precisa de incentivos para renovar o maquinário. Sem isso e sem chuva, a perspectiva do setor é preocupante. O presidente da Associação Nacional dos Consumidores de Energia, Carlos Faria, diz que alguns industriais já cortaram a produção.

Em 2001, o país viveu uma grave crise energética e o governo baixou regras duras: todas as regiões do país tiveram de cortar em 20% o consumo.

Desde aquela época, Bete Omóri mudou os hábitos: trocou as lâmpadas quentes por frias, passou a fazer manutenção periódica na fiação, se defez de aparelhos antigos e chegou mesmo a trocar a voltagem de todo o salão de beleza - de 110 para 220 - visando reduzir o desperdício com transformadores. Se vier um novo racionamento, não sabe mais onde cortar.

Os shoppings centers dizem que com o aumento na conta de luz já vêm reduzindo o consumo. Se forem obrigados a racionar o gasto, os centros comerciais das grandes cidades, em especial no sudeste, terão como derradeira alternativa o uso de gerados a base de gás e diesel.

Glauco Umai, presidente da Associação Nacional dos Shoppings diz que em outras áreas a ideia é expandir o que muitos já fazem: controlar o uso do principal vilão do setor, o ar condicionado.

Segundo Glauco Umai, 60% dos 520 shoppings do país já usam as lâmpadas de LED, mais econômicas, nas áreas comuns. Já a energia solar, que poderia ser um grande aliado nesta crise, ainda é insignificante. Nas duas situações o entrave para a expansão é o custo. O modelo mais simples de uma lâmpada de LED sai por R\$30. O material para captar energia do sol numa casa de três quartos pode sair por até R\$40 mil. Roberto Araújo, do instituto Illumina, lamenta que o governo até agora não tenha adotado um programa de barateamento dessas alternativas.

O Instituto Acende Brasil diz que ações adotadas pelo país no apagão há 14 anos foram incorporadas pelas famílias e empresas: o consumo só voltou aos antigos patamares 4 anos após o racionamento com o advento de novos produtos e a melhoria na renda. Porém, ele diz que o próprio governo ajudou a estimular o gasto ao forçar a redução na conta de luz em 2013 e ao dar incentivos ao setor de eletrodoméstico. Cláudio Saltes, que preside a entidade, diz que o brasileiro terá de fazer novamente a lição de casa.

Especialistas e empresários dizem que além dos incentivos é crucial que o governo aja com transparência e, se houver necessidade de contenção do consumo, que isso seja anunciado com brevidade e não em cima da hora.

De olho num eventual racionamento de energia, a indústria avisa: pode reduzir o gasto, em alguns casos em até 20%, mas depende do governo. O setor é o principal consumidor e ano passado diminuiu a demanda por causa do fraco desempenho da economia.

Por isso diz que precisa de incentivos para renovar o maquinário. Sem isso e sem chuva, a perspectiva do setor é preocupante. O presidente da Associação Nacional dos Consumidores de Energia, Carlos Faria, diz que alguns industriais já cortaram a produção.

Em 2001, o país viveu uma grave crise energética e o governo baixou regras duras: todas as regiões do país tiveram de cortar em 20% o consumo.

Desde aquela época, Bete Omóri mudou os hábitos: trocou as lâmpadas quentes por frias, passou a fazer manutenção periódica na fiação, se defez de aparelhos antigos e chegou mesmo a trocar a voltagem de todo o salão de beleza - de 110 para 220 - visando reduzir o desperdício com transformadores. Se vier um novo racionamento, não sabe mais onde cortar.

Os shoppings centers dizem que com o aumento na conta de luz já vêm reduzindo o consumo. Se forem obrigados a racionar o gasto, os centros comerciais das grandes cidades, em especial no sudeste, terão como derradeira alternativa o uso de gerados a base de gás e diesel.

Glauco Umai, presidente da Associação Nacional dos Shoppings diz que em outras áreas a ideia é expandir o que muitos já fazem: controlar o uso do principal vilão do setor, o ar condicionado.

Segundo Glauco Umai, 60% dos 520 shoppings do país já usam as lampadas de LED, mais econômicas, nas áreas comuns. Já a energia solar, que poderia ser um grande aliado nesta crise, ainda é insignificante. Nas duas situações o entrave para a expansão é o custo. O modelo mais simples de uma lâmpada de LED sai por R\$30. O material para captar energia do sol numa casa de três quartos pode sair por até R\$40 mil. Roberto Araújo, do instituto Ilumina, lamenta que o governo até agora não tenha adotado um programa de barateamento dessas alternativas.

O Instituto Acende Brasil diz que ações adotadas pelo país no apagão há 14 anos foram incorporadas pelas famílias e empresas: o consumo só voltou aos antigos patamares 4 anos após o racionamento com o advento de novos produtos e a melhoria na renda. Porém, ele diz que o próprio governo ajudou a estimular o gasto ao forçar a redução na conta de luz em 2013 e ao dar incentivos ao setor de eletrodoméstico. Claudio Sales, que preside a entidade, diz que o brasileiro terá de fazer novamente a lição de casa.

Especialistas e empresários dizem que além dos incentivos é crucial que o governo aja com transparência e, se houver necessidade de contenção do consumo, que isso seja anunciado com brevidade e não em cima da hora.